

Histórias brasileiras

Cláudia Netto do Valle – Universidade Estadual de Maringá – PR

RESUMO

Os povos do mundo sonham mundos, interpretam e nomeiam espaços, dialogam com eles, convivem entre si. Numa de suas antigas narrativas, o povo pataxó conta que é água da chuva indo embora para o rio e o mar. Água e ar são dois elementos constitutivos. A permanência das forças que regem o mito é um dos pontos levantados neste artigo.

Palavras-chave: Índios Pataxó. Mito. Água. Ar.

RÉSUMÉ

Les peuples du monde rêvent des mondes, interprètent et nomment espaces, un établissant des dialogues avec eux, ils se fréquentent. Dans un de leurs récits anciens, le peuple pataxo racont qu'ils sont de l'eau de la pluie s'en allant vers le fleuve et la mer. L'eau et l'air sont 2 éléments constitutifs de ce récits. La permanence des forces que régissent le mythe est un des points étudiés dans cet article.

Mots clés: Pataxó. Mythe. Eau. Air.

INTRODUÇÃO

Antigamente, na terra, só existiam bichos e passarinhos, macaco, caititu, veado, tamanduá, anta, onça, capivara, cutia, paca, tatu, sarigüê, teiú [...] cachichó, cágado, quati, mutum, tururim. Jacu, papagaio, aracuã, macuco, gavião, mãe-da-lua e muitos outros passarinhos.

Naquele tempo, tudo era alegria. Os bichos e passarinhos viviam numa grande união.

Cada raça de bicho e passarinho era diferente, tinha seu próprio jeito de viver a vida.

Um dia, no azul do céu, formou-se uma grande nuvem branca, que logo se transformou em chuva e caiu sobre a terra. A chuva estava terminando e o

último pingo de água que caiu se transformou em um índio.

O índio pisou na terra, começou a olhar as florestas, os pássaros que passavam voando, a água que caminhava com serenidade, os animais que andavam livremente e ficou fascinado com a beleza que estava vendo ao seu redor.

Ele trouxe consigo muitas sabedorias sobre a terra. Conhecia a época boa de plantar, de pescar, de caçar e as ervas boas para fazer remédios e seus rituais.

Depois de sua chegada na terra, passou a caçar, plantar, pescar e cuidar da natureza.

A vida do índio era muito divertida e saudável. Ele adorava olhar o entardecer, as noites de lua e o amanhecer.

Durante o dia, o sol iluminava seu caminho e aquecia seu corpo. Durante a noite, a lua e as estrelas iluminavam e faziam suas noites mais alegres e bonitas. Quando era à tardinha, apanhava lenha, acendia uma fogueirinha e ficava ali olhando o céu todo estrelado. Pela madrugada, acordava e ficava esperando clarear para receber o novo dia que estava chegando. Quando o sol apontava no céu, o índio começava o seu trabalho e assim ia levando sua vida, trabalhando e aprendendo todos os segredos da terra.

Um dia, o índio estava fazendo ritual. Enxergou uma grande chuva. Cada pingo de chuva ia se transformar em índio.

No dia marcado, a chuva caiu. Depois que a chuva parou de cair, os índios estavam por todos os lados.

O índio reuniu os outros e falou:

– Olha parentes, eu cheguei aqui muito antes de vocês, mas agora tenho que partir.

Os índios perguntaram:

– Pra onde você vai?

O índio respondeu:

– Eu tenho que ir morar lá em cima no ITOHÃ, porque tenho que proteger vocês.

Os índios ficaram um pouco triste, mas depois concordaram.

– Tá bom, parente, pode seguir sua viagem, mas não se esqueça do nosso povo.

Depois que o índio ensinou todas as sabedorias e segredos, falou:

– O meu nome é TXOPAI.

De repente o índio se despediu dando um salto, e foi subindo [...] subindo [...] até que desapareceu no azul do céu, e foi morar lá em cima no ITOHÃ.

Daquele dia em diante, os índios começaram sua caminhada aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e assim surgiu a nação pataxó. Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, indo embora para o rio e o mar. (Narração: Apinhaera Pataxó Sijanete Alves dos Santos); (Redação: Kanátio Pataxó Salvino dos Santos Brás).

Este é o belo texto escrito do mito pataxó “*Txopai Itobã*”, impresso e divulgado em livro (PATAXÓ, 1997). Apresentamos, neste artigo, um modo de olhar, de interpretar este mito fundador do povo pataxó, habitante do extremo sul da Bahia, no Quadrilátero do Descobrimento, onde viviam os tupis e os jês, dois dos povos indígenas formadores da nacionalidade. Vamos utilizar, além do texto do mito, uma entrevista e um diálogo informal que mantivemos com Salvino dos Santos Brás, co-“autor” do texto, ainda que ele tenha sido narrado por uma parenta, em julho de 1998. Então, aí ele fala de si, de suas idéias em relação à natureza, da representação política, da arte, dos destinos do ser.

– ... “*Eu acho que esse livro Txopai Itobã foi a minha própria natureza... Nasceu dentro do mundo do meu povo... é uma coisa nata. Eu me considero uma pessoa que veio pra este mundo expressar a beleza do povo pataxó através da poesia. Quando eu vejo uma coisa que dá pra eu fazer aquilo... Eu vou e faço... É o meu jeito de construir a história. Esse mito pra mim é o princípio da vida do povo pataxó... Por isso eu fiz esse livro... Pra levar uma*

mensagem de quem é o povo pataxó... As nossas raízes nos fortalecendo... Como a água que é fonte de vida”.

Neste trecho de nossa entrevista, lembramos dos pré-socráticos... (1991) as nossas raízes nos fortalecendo... como a água que é fonte de vida... olhar a natureza... celebrar a natureza... pisar na terra.

Na relação do homem com o mundo natural, as primeiras imagens, as “*imagens princeps*”, pertencem à imaginação da matéria cósmica. Para Empédocles de Agrigento, o universo podia ser entendido como resultado de quatro raízes – água, ar, terra e fogo – as quais seriam quatro realidades verdadeiras, que conteriam em si toda a matéria, não havendo no universo nascimento ou morte, somente “mistura” e dissociação dos componentes da mistura.

Salvino fala de dois mundos. O deles e o do “branco”. Vamos acompanhar...

– “*As minhas atividades... Eu procuro fazer com bastante carinho... Cada coisa... Tudo é importante... Se eu vou pra você é porque eu tenho que ir... Preciso do feijão pra comer... Do milho pra cozinhar... Pra galinha comer... Na escola eu tô mexendo com tudo isso... O uso do território... Tá mexendo com a cultura... Ela é um caminho pra gente atravessar do outro lado... É como um rio que tá entre o mundo do branco e o mundo nosso. A nossa escola prepara nós pra chegar lá do outro lado”.*

É o sujeito político. Quando lhe perguntamos sobre sua participação como representante no MEC, para assuntos relativos à escola indígena, sua resposta foi a do homem político.

– “*Sim. Faço parte dessa coordenação. A gente se reúne e discute. É um meio pra gente aprender a política... Esse jeito de trabalhar do branco que a gente não tem conhecimento. A gente vai aprendendo e quando a gente já tiver formado mesmo a gente sabe tocar o nosso barco pra frente... Do nosso jeito...”*

Ao ser indagado sobre o caráter de sua formação falou como o líder:

– “*A mais importante... Foi a formação que eu tive dentro de casa... Dentro da casa do meu povo! As primei-*

ras letras eu fiz lá na escolinha da aldeia né?... Eu fui pra escolinha... Da aldeia... Lá....”

REFLEXÕES SOBRE O MITO

No início do mito, temos a apresentação do espaço e tempo primordiais. Havia muitos bichos, de raças diferentes. Um dia choveu e da chuva nasceu o ser humano.

No tempo da origem não há separação. O homem está integrado ao cosmo. O homem pertence à *physis*, que para os gregos significava “fonte originária”, “processo de surgimento e desenvolvimento”. Para Tales de Mileto, fundador da escola pré-socrática, o princípio primordial era a água; a gênese estaria na água, que poderia tornar-se sólida, evaporar-se etc., assumindo outros estados da matéria. Para Anaximandro, também da escola de Mileto, o universo seria resultado de modificações ocorridas num princípio originário ou *arché*, que seria o *ápeiron*, o infinito ou ilimitado. Anaxímenes, o último representante da escola milesiana, dirá que o universo é resultado das transformações de um ar infinito, o *pneuma ápeiron*.

Assim, o pensamento desses primeiros filósofos apresenta-se como interpretação da passagem da unidade primordial à multiplicidade das coisas no universo. Essa narrativa poderia ser um poema “Sobre a Natureza”. As imagens cósmicas nos fazem ver o todo; o universo é uma imagem em expansão.

– *“A vida do índio era muito divertida e saudável. Ele adorava olhar o entardecer, as noites de lua e o amanhecer. Durante o dia, o sol iluminava seu caminho e aquecia seu corpo. Durante a noite, a lua e as estrelas iluminavam e faziam suas noites mais alegres e bonitas”.*

Bachelard nos lembra que é possível tornar-se sonhador do mundo, sonhador de devaneios cósmicos e sujeito do verbo contemplar, perceber, conhecer. Salvino mesmo é quem nos explica:

– ... *“Quando eu amanheço... O dia surgindo... É bonito a gente sentir que o criador fez o mundo para que a*

gente pudesse usufruir dele... viver em harmonia com ele. Se eu estou em harmonia com a terra eu tô em harmonia comigo mesmo”.

E quando o homem se desarmoniza?

– *“É quando ele não observa o que foi feito pra ele... Que ele não reconhece aquilo que foi feito pra ele viver... Todos nós fazemos parte do universo... Então... Enquanto eu não tiver paz com a mata... Com os astros... O céu... As estrelas... A água... Enquanto eu não parar pra pensar... Pra olhar... E pra sentir que eu faço parte daquilo... Eu não estou em harmonia com aquele mundo. Esse é o princípio pra eu viver aqui!... Dentro desse mundo mágico pataxó... Eu vou sempre viver aqui né? Vou viver subindo e descendo aqui nessa terra... Nas matas... Por aí... Eles estão nos protegendo também...”*

Salvino nos fala do “mundo mágico pataxó”... da “energia purificada”... “da força”..., “elementos da espiritualidade”. Os devaneios cósmicos colocam-nos num mundo e não numa sociedade. Eles nos fazem escapar ao tempo, são puro estado, estado de alma. Salvino opõe verticalidade a descida:

– *“Vou viver subindo e descendo aqui nessa terra... e ainda... mundo de baixo/mundo de cima”.*

Mas o contato com o mundo dos espíritos também se faz através dos sonhos.

– *“E também através do sonho... A gente viaja muito... No universo... Porque, por exemplo, a minha vida... Eu também dedico sempre ao sonho. É... Eu... Sempre busco... À noite quando eu vou dormir... Eu sempre procuro... Levar, né? Meu... Meu... Minha alma ao... Ao mundo, né? Embarcar no sonho... Né? É... É... Através do sonho a gente recebe muita mensagem, né?”.*

Salvino aqui fala do sonho como possibilidade de estar em tempos e espaços diferentes. Sua interpretação é de que no mundo dos espíritos, que se manifestam através dos estados oníricos, não há fronteiras entre eles e os seres viventes.

O mito fala do povoamento da terra através de cada pingo de chuva que se transforma em gente.

Deles destacou-se “O Primeiro” e foi morar no além, o *Itobã*, alcançando um estatuto sagrado, o de protetor, o de pai. O além dos povos da família maxacali é povoado de espíritos, alguns são deuses. A esta família lingüística pertencem, além dos povos maxacalis, também os pataxós, e os pataxós hã hã hãe.

Usando as formas canônicas de marcação do tempo, de divisão de esferas, a do vivido e a do relatado... “daquele dia em diante... os índios começaram sua caminhada aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e assim surgiu a nação pataxó”.

Txopai é o criador, e seus filhos, o povo pataxó. O desfecho do mito fala da origem: “Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, indo embora para o rio e o mar”.

POVO DA ÁGUA

Para Bachelard (1989, p. 18), a imaginação não é apenas a capacidade de formar imagens na mente, a partir da realidade, mas é a “faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade”. Há dois tipos de imaginação: a formal e a material. São duas forças imaginantes que Bachelard investiga a partir de textos literários e de outras obras de arte.

A imaginação formal, fundada na visão, apenas “vê” a matéria, enquanto forma, e é resultado do homem como espectador do mundo. A imaginação material, ao contrário, recupera o homem para o mundo, enquanto criador, demiurgo e não mais somente como espectador. “A matéria que ele procura dominar não é vista como hostil e causadora de penas e fadigas. É, ao contrário, oportunidade de realização pessoal, de expansão do universo interior, de demonstração da força da vontade, incentivo à imaginação criadora, ‘centro de sonhos’” (PESSANHA, 1985, p. xxi).

A imaginação material vincula-se aos quatro elementos que Empédocles de Agrigento apontava como as raízes formadoras do cosmo: ar, água, terra e fogo. Bachelard refere-se, da seguinte forma, ao pensamento destes primeiros filósofos dentro da tradição grega.

Se estas filosofias simples e poderosas conservam ainda fontes de convicção é porque, ao estudá-las, reencontramos forças imaginantes inteiramente materiais. Ocorre sempre assim: na ordem da filosofia não se persuade senão sugerindo sonhos fundamentais, senão restituindo aos pensamentos suas avenidas de sonhos (BACHELARD, 1989, p. 5).

Mais do que linguagem consciente, a linguagem dos mitos e dos sonhos se expressa sob a dependência dos quatro elementos primordiais. Podemos interpretá-los materialmente, a partir de seu elemento dominante. Uma estratégia bachelardiana é buscar o elemento material que predomina. No nosso texto, é a água, ainda que a terra também esteja presente (“na terra... nas pedras..”). “Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, indo embora para o rio e o mar”. Há no texto predominância de palavras que evocam liquidez: água, chuva, rio e mar.

Mas quais são os valores evocados pelo elemento água?

As imagens da água correspondem ao devir humano; “o ser humano tem o destino da água que corre”, diz Bachelard (1989), inspirando-se em Heráclito. É elemento mais feminino do que o fogo e mais transitório; a cada dia morre-se um pouco, não há volta possível.

Água é também renascer e despertar, é matéria pura por excelência, há um sonho de purificação sugerido pela água e transmitido pelas imagens correntes na literatura, através dos tempos. E esta sempre se nutre das fontes primevas, do pensamento dos primeiros povos que habitaram o universo. A literatura alimenta-se da ontologia arcaica, o mito em sua essência.

Muitos acreditam que todas as formas de amor recebem um componente do amor por uma mãe, e a natureza é uma projeção da mãe, “uma mãe ampliada, eterna e projetada no infinito”. Para alguns, o mar é um dos maiores e mais constantes símbolos maternos. A figura materna que nos alimenta com seu leite torna-se para nós uma imagem muito forte, inesquecível, produtora de inúmeras metáforas.

Toda água é um leite, um alimento primevo constitutivo; toda água tem o sentido de nutrição.

A água é o elemento fundamental das misturas; “ela tem aptidão para compor-se com outros elementos”. Nos antigos livros de química, a água “tempera os outros elementos”, forma liga, e, para o poeta, o verdadeiro tipo de “composição é a composição da água com a terra”. A união dos dois dá a massa.

É função do mito dar conta de novas realidades: explicá-las... interpretá-las... incorporá-las. Na verdade, as transformações do mito são as da vida cotidiana.

NARRATIVAS NAS SOCIEDADES TRADICIONAIS

Os “pataxó, antigo” repetiam as histórias que já tinham ouvido de seus pais e avós, oralmente, face a face. A “comunidade de ouvintes” das narrativas, das epopéias contadas boca a boca não tem mais espaço nas sociedades modernas. A narração, para ser compreendida, não se apóia mais na voz.

Para memorizar as narrativas, transmitidas oralmente, é preciso fórmulas e padrões típicos da voz: o metro, a rima, o ritmo, as repetições, os encadeamentos, as cadências, os paralelismos, as aliterações e assonâncias. Estes recursos são típicos da poesia oral; o mito usa de uma linguagem poética para se expressar. São, em geral, complexos e longos, e memorizá-los é tarefa do especialista.

O mito, para ter significação, precisa que seus modelos sejam compartilhados entre os membros de um mesmo grupo. Com a repetição, ele é propagado, atingindo, como vimos com Campbell, estágios universais. Jung falará de arquétipos. Hoje Salvino, para contar o mito, escreve, usa o alfabeto, os símbolos gráficos para intermediarem as relações humanas, para contar uma história que ele já ouviu de alguém.

Salvino é professor, além de ser escritor. Ele se preocupa com a mediação entre culturas. Quer ser entendido por todos. À diferença do narrador antigo, que se expressava de mil formas, com gestos,

ritmos, expressões faciais, ele, como comunicador moderno, tem que tentar trazer para o leitor de hoje o sentido do texto.

Para Salvino, a instância da oralidade é passado e é presente. Hoje ele ouve ecos desse passado, recolhe fragmentos. Alguns velhos conhecedores da tradição não gostam de lembrar... não querem. As lembranças são ocasionais, fragmentárias. É preciso traduzir para o leitor o tempo mítico, a simultaneidade de tempos que ocorre no mito e não é usual nas narrativas modernas.

No caso pataxó, a distância entre passado e presente é ainda maior, pois antigamente havia uma língua para dar suporte a esses mitos; hoje, ela não é mais usada para conversação e todos falam português. Lévi-Strauss (1981, p. 240) diz que “o mito faz parte integrante da língua; é pela palavra que ele se nos dá a conhecer, ele provém do discurso”. A seguir, ele complementa, dizendo: “o mito está na linguagem e além dela”. É este mais “além” que encontramos aqui. O mito transformado chega aos dias atuais editado na forma de livro.

Cabe a este escritor mediar o passado, quando os ritmos corporais estavam afinados numa longa tradição, onde o exemplo vivo era mais convincente. É preciso fazer a mediação entre este passado e um presente de comunicação não direta, de intermediários como tinta e papel, mas é preciso comunicação, informação e as comunidades indígenas querem falar. Falar de si, de seu lugar no mundo. De um lugar que sempre foi seu e que lhe foi sonogado nesta pirâmide social tão injusta que por tanto tempo relegou-as ao silêncio.

O trabalho de Salvino é duplo: de um lado, recuperar o mito perdido na memória, entre histórias do passado; de outro, torná-lo compreensível para uma sociedade de letrados.

Ao escrever “*Txopai Itobã*”, (1997), ele mantém um estilo de composição bastante coloquial, que revela sua proximidade com os valores do mundo não letrado a que ainda pertence. O estilo de redação de Salvino está muito próximo das formas de composição oral, como a repetição, a enumeração extensa,

o uso de diminutivos etc. Não há nele o traço da impessoalidade que domina outros textos, sua fala é ainda muito próxima de nós, seu tom, e podemos bem dizer que, seu ritmo, ainda, é o das histórias que ouvíamos quando crianças. O homem cria mitos permanentemente, da mesma forma como ele constrói a história.

O mito como força organizadora é atemporal, refere-se ao passado, mas também ao presente e ao futuro. Ele se reconstrói e se atualiza permanentemente. Os pataxós deixaram de usar sua língua materna, mas seus mitos sobreviveram... em português do Brasil.

OS PUTUXOP

Qual é a origem da palavra *pataxó*?

Entre os maxacali, as entidades espirituais, os *yãmiy* relacionam-se com os animais, principalmente com os pássaros. Eles estão divididos em catorze grandes grupos de *Yãmiyxop* (grupos de espíritos) parentes e cada um possui um nome. Desta lista, destacamos *putuxo*, que são pássaros da família dos periquitos, papagaios e araras. Os dados etnográficos nos mostram que em Barra Velha, aldeia-mãe dos pataxós, todos têm nomes de pássaros ou árvores, como nos explica José Baraiá:

– “É... É um passarinho sabe? É um periquito. Só que quando eles me botaram esse apelido... Eu era... Meninote... Menino é um bicho que tudo que encontra ele come... Então eu comia muita jaca... Jaca tem aquele visgo né... Aí eu comia... Menino é danado pra andar brincando pelo chão... Então... Eu ficava todo sujo... Né... Aí disse “esse cara parece um baraiá lá do mato”... O que come visgo da fruta... Se gruda tudo e... Se suja... então botaram esse nome... Por causa que eu comia muita jaca”.

Os pataxós são um povo da água; nascem da materialidade da água, mas sua metade espiritual está ligada ao elemento ar, pois os *putuxop* são pássaros, cantores por natureza.

POVO DO AR

No belo livro *O ar e os sonhos*, Bachelard fala da imaginação do poeta do ar, como a mais forte das imaginações “[...] O poeta do fogo, o da água e o da terra não transmitem a mesma inspiração do que o poeta do ar” (BACHELARD, 1990, p. 4). A imaginação aérea está mais além e projeta no espaço “o ser inteiro”.

Entre as imagens do ar temos: a mobilidade, a liberdade e a desmaterialização.

A mobilidade implica leveza. Para que alcancemos as alturas e nosso espírito se eleve até o alto das montanhas, temos de nos livrar do que há de pesado em nós, de nossos remorsos, desgostos, rancores. O mar, água feminina e maternal, nos libera.

Deste modo, fica mais fácil compreender a relação dos pataxós com sua montanha sagrada – O Monte Pascoal. Eliade (1992), constatou, analisando várias culturas antigas, que, para estas, o centro do mundo está localizado na Montanha Sagrada, onde céu e terra se encontram. Fica evidenciada, entre os pataxós, sua relação *ab origine*. O Monte Pascoal é um viveiro de pássaros, há espécimes só encontrados ali.

Os pataxós e os maxacalis são povos da mobilidade espacial, são povos nômades ou seminômades. Nunca se conformaram às Terras Indígenas que o Estado brasileiro legou para eles. Suas fronteiras sempre foram outras, seu sentido de liberdade mais extenso. Bachelard dirá: “O ar natural é o ar livre”.

As imagens do ar são também imagens da desmaterialização... Ou se evaporam ou se cristalizam, pois esta é uma realidade da matéria. Lembrando dos maxacali, que permaneceram muito ligados à tradição, temos ao lado de uma vida espiritual riquíssima, que conseguiram manter ao longo dos anos de contato intenso e sempre violento, uma parca materialidade. A imagem do pequeno fogão onde cozinham seus alimentos, diz tudo. Quando viajam para vender seu elaboradíssimo artesanato em linha (bolsas, armadilhas para pesca), não carregam quase nada a não ser a si mesmos.

O mito “*Txopai Itohã*” continua presente nos valores que expande, por isso a dimensão mítica permanece. Estes valores advêm dos elementos materiais que compõem o mito: água e ar. Eles permanecem no nosso inconsciente e o dinamizam. São força e energia, reaparecem no sonho, na literatura e nas artes em geral. As imagens arquetípicas projetadas refletem nossos impulsos, desejos, comportamentos. Trazem-nos felicidade e sofrimento. Constituem uma herança. Fazem parte de um patrimônio que é nosso, de um povo herdeiro dos antigos *brasis*, povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes 1989.

_____. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*, São Paulo: Mercuryo, 1992.

LÉVI-STRAUSS, C. *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70, 1981.

PATAXÓ, Kanátio. *Txopai e Itohã*. Belo Horizonte: MEC: UNESCO: SEE, 1997.

PESSANHA, José A. M. Introdução: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS: doxografia e comentários. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).